

• Política

PMDB GAZETA MERCANTIL

“Faço administração de portas abertas”, defende-se Ulysses

por Zanoni Antunes de Brasília

Presidente da Constituinte e do PMDB, Ulysses Guimarães (SP) manifestou-se ontem pela primeira vez sobre as críticas a ele dirigidas pelo novo líder do partido na Constituinte, Mário Covas. Ao discursar antes da votação de quarta-feira última, Covas criticou a excessiva concentração de poderes nas mãos do presidente do partido. Ulysses admitiu examinar as críticas e atendê-las se forem corretas. “Aqueles que não o forem”, afirmou, “os próprios autores reconhecerão que não tinham condições de ser aproveitadas.”

Ulysses Guimarães disse ainda que nunca considerou o partido centralizado porque está sempre em contato com seus integrantes “e porque faço uma administração de portas abertas, aqui e em minha casa”. O presidente do PMDB aproveitou também para elogiar a nova liderança do senador Mário Covas, classificada por ele de “experimentada e competente”. O novo líder, segundo Ulysses, vai atuar no sentido de prestigiar o partido, “que é a sua trajetória e a sua tradição”.

Já o deputado Luiz Henrique (SC), derrotado pelo senador Mário Covas na disputa pela liderança da Constituinte, decidiu voltar

atrás da sua decisão de abandonar a liderança do partido na Câmara. Luiz Henrique achava que a sua condução ao cargo de líder do PMDB na Câmara seria automaticamente convertida em líder da Constituinte, uma vez que a Câmara dos Deputados, através de um acordo de lideranças, só funcionará uma vez por semana. Perdida a disputa, o deputado afirmou que não restava outra saída a não ser abandonar a liderança na Câmara.

O APELO DE SARNEY

Ontem, no entanto, Luiz Henrique decidiu manter-se no cargo atendendo ao apelo dos coordenadores das bancadas, que encabeçaram um movimento para evitar a sua renúncia. Luiz Henrique recebeu ainda um telefonema do presidente José Sarney e a visita da cúpula do PMDB. A tarde, na presença de Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e do líder do governo, Carlos Sant'Anna, Luiz Henrique decidiu continuar no cargo.

A decisão de manter o deputado catarinense à frente da liderança do partido na Câmara exigiu esforço da cúpula do PMDB, uma vez que o próprio Luiz Henrique reiteradas vezes disse que, se perdesse a eleição para Mário Covas, se consideraria destituído do cargo. “Sou um homem de palavra”, havia dito ele também.

Muda eixo do poder no partido em São Paulo

por Andrew Greenlees de São Paulo

Um problema latente volta a incomodar o PMDB: como administrar seu próprio tamanho. E o quadro visto de São Paulo é o melhor exemplo. Com a vitória do senador Mário Covas na disputa pela liderança do PMDB na Constituinte, a seção paulista do partido produz seu quarto pólo de poder a nível federal.

No mesmo grupo estão o presidente nacional da sigla e da Assembléia Constituinte, Ulysses Guimarães, o governador Orestes Quércia e seu antecessor, Franco Montoro.

“O PMDB tem tradição de administrar rivalidades”, garante o secretário geral do partido em São Paulo, deputado Aloysio Nunes Ferreira, que descarta a ameaça de qualquer tipo de fratura no partido, decorrente da multiplicação das lideranças. Nunes Ferreira, que tem bom trânsito nas diversas alas pemedebistas, juntou-se aos correligionários de Covas na comemoração da vitória de anteontem. “O partido estava muito cartorial”, analisou o secretário geral. “É preciso ter margem de autonomia no governo e a vitória de Covas reabre as perspectivas de ação política do PMDB.”

As declarações de Nunes Ferreira seguem a linha de outras, feitas durante a última semana pelos três rivais de Ulysses. Cada um por sua vez — Montoro, Quércia e Covas — jogou farpas contra a centralização de poderes nas mãos do presidente nacional do partido. Para uma disputa presidencial a curto prazo, no entanto, o nome de Ulysses continua a ser lembrado por representantes das diversas alas como “candidato natural”.

Por outro lado, a se confirmar um mandato de seis anos para o presidente Sarney, pemedebistas de São Paulo não hesitam em apontar Quércia como postulante forte, assim como o

senador Covas como candidato ao Palácio dos Bandeirantes. Animados com a eleição para a liderança do PMDB, políticos ligados ao senador admitiam ontem até mesmo uma “queima de etapas”. Um desempenho de destaque na Constituinte elevaria Covas à condição de forte “presidenciável” numa eleição a curto prazo, sem a necessidade de passar pelo governo de São Paulo.

MONTORO

O outro nome paulista, Franco Montoro, tem caído nas cotações políticas. Fora do governo e sem uma bancada que conte com políticos de seu grupo, o ex-governador estaria também longe do Ministério. E quatro anos nesta situação poderiam ser fatais para suas ambições presidenciais.

A preocupação quanto ao imobilismo partidário, apontado por alguns de seus principais líderes, atingiu também as chamadas “bases”. Diretórios pemedebistas do interior e da Grande São Paulo solicitaram à executiva do partido um encontro para “repensar” a atuação do PMDB. A direção concordou e a reunião acontecerá amanhã.

Magalhães preserva o presidente

A vitória do senador Mário Covas (SP) sobre o deputado Luiz Henrique (SC) não representa uma derrota do deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte. Essa interpretação é do ministro da Previdência e Assistência Social, Raphael de Almeida Magalhães. “O partido saiu fortalecido. O PMDB é um partido que testa sua unidade com eleições, um processo legítimo, democrático”, disse Magalhães a este jornal, ontem, no Rio.